

Rio, 17 de Maio de 1954

Meu caro Firpo

Recebi uma das tuas substanciosas cartas. Desta vez foi uma caixa deexcelente pessegada peletnese, que muito e muito apreciámos. Antes, porém, já estava eu por escrever-te, a respeito da minha ausência na reunião do Diretório.

Foi ela deliberada e muito meditada. Eu não desejava estar presente, por temer que a discussão do caso dos baianos me levasse a dizer certas cousas que tenho recalçadas. Depois, sendo eu um dissidente da orientação impressa ao Partido por um golpe de surpresa e devendo cogitar-se de candidaturas, queria manter-me inteiramente alheio à questão. Em terceiro lugar (esta talvez tenha sido a razão mais forte) desejava eu marcar, embora discretamente, o meu afastamento da atual direção partidária do Rio Grande. Isto creio eu tenha ficado claro no telegrama enviado ao Décio e que suponho tenha sido lido no Diretório: nele relembra as tradições liberais do Partido Libertador.

Não é sem razão que assim procedi. Tendo o Décio visto na atitude do Gabinete Nacional em relação aos Baianos, um~~a~~ ate pessoal meu de hostilidade a ele, Décio, e tendo até falado em renunciar, escrevi-lhe longa carta, dando-lhe tôdas as explicações e satisfações possíveis. Respondeu-me em carta de 16 de março, que me foi trazida pelo Mem e na qual se declarava inteiramente satisfeito. Mas lá havia o seguinte trecho:

"Adotemos o critério preferido pelo Gabinete Executivo (Nacional): concorem sob legenda libertadora divorcistas e anti-divorcistas. Imaginemos entre os últimos um católico. Não é o LEC, Dr. Pilla, que lhe nega os votos, mas é a sua própria consciência de crente que o impede de estar, sob a mesma legenda, a contribuir com o quinhão do seu prestígio eleitoral, para que um divorcista consiga exatamente o contrário do que ele acredita ser fundamental na constituição da família - a indissolubilidade do vínculo matrimonial."

Ao Mem, ao Coelho de Souza e outros, disse eu considerar extremamente grave tal trecho, que significaria, nem mais, nem menos, haver-se o P.L. transformado num partido confessional, ou, mais exatamente, num partido católico. Confesso que nunca havia suspeitado tal ul-

tramontanismo no Décio, que, pelo contrário, eu ~~nunca~~ considerava um católico liberal.

Diante disto, eu não poderia comparecer a uma reunião do Diretório, em que se iria discutir o caso dos baianos, sem levantar a gravíssima questão proposta na carta de Décio. E isto seria o começo de fim, senão o proprio fim. Tal foi a causa principal da minha ausência.

Como vês, existe forte crise no seio do Partido. Está latente, por ora, mas terá de manifestar-se um dia. Repito-te o que julgo já te haver dito em conversa: O Partido Libertador foi vítima de habilíssima infiltração, não comunista, mas católica.

Basta de política. Tive noticias de que D. Mafalda melhorou consideravelmente: eu e Esther nos alegramos muito com isto. Recomendamos muito a ela e recebe-me um forte e grande abraço